

## Racismo e Escravidão

Os debates em torno dos temas escravidão e racismo são amplos, sobretudo se levarmos em conta os variados subtemas, autoras, perspectivas e discussões em torno dessas problemáticas. Nessa proposta de aula ou oficina, portanto, não temos como intuito dar conta de todo o debate sobre esse universo. A proposta é refletir, a partir das contribuições de Lenira Carvalho e Lélia Gonzalez, sobre como o trabalho doméstico nos permite compreender as relações entre escravidão, racismo e o mundo do trabalho no Brasil. Para isso, temos como ponto de partida o pensamento de Lenira Carvalho exposto no documentário *Digo às companheiras que aqui estão* (2022) e no livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões* (2022) e o artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de Lélia Gonzalez.

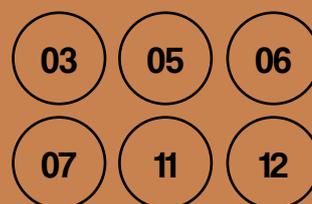
As conexões entre escravidão, racismo e trabalho doméstico levantadas por Lenira Carvalho podem ser discutidas a partir de dois temas que se relacionam e nos ajudam a entender a dominação e a exploração vividas pela categoria: a conquista de direitos e o reconhecimento da dignidade humana dessas trabalhadoras. As reflexões apresentadas por essa pensadora sobre o lugar e as condições de exercício do trabalho doméstico têm afinidades com o que Lélia Gonzalez elabora sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira com base nas figuras da “mulata”, “doméstica” e “mãe preta”. No pensamento de Lélia, essas três categorias ajudam a entender diferentes facetas do lugar atribuído às mulheres negras na nossa sociedade.

Neste roteiro pedagógico, propomos um diálogo entre as duas pensadoras, buscando refletir sobre as seguintes perguntas: como as dimensões de gênero, raça e classe atravessam o trabalho doméstico? Existem elos que conectam o trabalho doméstico no Brasil de hoje ao nosso passado escravocrata? O racismo presente na sociedade constrói as condições dentro das quais o trabalho doméstico é exercido?

### Objetivos

- Refletir sobre as relações entre escravidão, racismo e o mundo do trabalho contemporâneo.
- Discutir como o trabalho doméstico situa, ao mesmo tempo em que amplia, a discussão sobre escravidão e racismo.

### Roteiros pedagógicos que se relacionam:



## Racismo e Escravidão

### Percurso metodológico

Tempo total estimado: 2h20

- 20'** MOMENTO 1.  
**Sensibilização**
- 60'** MOMENTO 2.  
**Escravidão e as condições de trabalho no Brasil de hoje**
- 60'** MOMENTO 3.  
**Trabalho análogo à escravidão na contemporaneidade**

### Materiais necessários

01. Equipamentos para exibição do poema musicado “Gritaram-me Negra” ou cópias impressas do poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo.
02. Cópias do Anexo.
03. Objeto para armazenar os trechos do Anexo.
04. Notícias de jornal previamente selecionadas.
05. Dispositivo para tocar música.

### Preparação

Para realizar a aula ou oficina, sugerimos que a educadora se prepare com os seguintes materiais:

- Ver o filme *Digo às companheiras que aqui estão*.
- Ler os seguintes capítulos de *A luta que me fez crescer e outras reflexões*: Botar no papel a história dessas mulheres; Infância em Alagoas, Essa comida e essa casa...; Os primeiros anos no Recife III; Aquele momento da calçada; Você cria um laço afetivo; A gente ainda é como escravo; Não tem horário de trabalho; A menina não diz que é doméstica; Do quarto de empregada à casa própria; A gente mora no mesmo local onde trabalha; Minha esperança.
- Ler o artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de Lélia Gonzalez (1987).

### Para aprofundar

Estes materiais servem como uma boa consolidação dos aprendizados:



**Racismo e sexismo na cultura brasileira**, artigo de Lélia Gonzalez publicado na Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1987.

**Trabalhadoras domésticas e políticas de cuidado**. Nota Informativa nº 2/2023 do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome/Secretaria Nacional de Cuidado e Família.



**Fotograma** (2016), de Luís Henrique Leal e Caioz.

**A ladainha da democracia racial**, Apresentação de Lilia Schwarcz (2018).



**O país que não se aceita negro** (2020). Episódio do Podcast Vidas Negras.



[www.leniracarvalho.com.br/roteiro4](http://www.leniracarvalho.com.br/roteiro4)

# Passo a passo

## Momento 1. Sensibilização

### Atividade de sensibilização A

Exibir o poema musicado “Gritaram-me Negra”, de Victoria Santa Cruz, e, na sequência, promover um debate entre as participantes sobre o vídeo a partir das seguintes questões: O que chamou atenção? O que lhe tocou e como você se sentiu? A sugestão é que se reflita, ainda, sobre a mudança de perspectiva em relação à palavra “negra”, do ponto de vista da entonação, das expressões corporais e do conteúdo.

### Atividade de sensibilização B

No caso de não haver equipamentos para exibição do vídeo, ler o poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, e, na sequência, promover um debate entre as participantes sobre o poema: O que chamou a sua atenção? O que lhe tocou e como você se sentiu? A sugestão é que se reflita sobre as lógicas de dominação e resistência construídas no poema.

## Momento 2.

### Escravidão e as condições de trabalho no Brasil de hoje

No anexo deste roteiro, você irá encontrar trechos do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, de Lenira Carvalho, e do artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de Lélia Gonzalez. Corte-os, dobre-os e deposite-os em um recipiente (sacola, caixa etc.). Em seguida, peça para as participantes passarem o recipiente, com os papéis dentro, enquanto toca uma música. Quando você parar a música, quem estiver com o recipiente na mão deve sortear uma das frases, lê-la em voz alta e será convidada a falar sobre o que entendeu da frase. Repetir a dinâmica até as frases acabarem ou a educadora entender que o exercício já promoveu as reflexões desejadas. Ao final da dinâmica, abrir uma discussão coletiva sobre o material lido. Neste momento, a proposta é que a educadora guie a discussão conectando as contribuições das participantes com o texto “Diálogos entre Lenira Carvalho e Lélia Gonzalez: escravidão, racismo e trabalho doméstico no Brasil”, disponibilizado neste roteiro, e com as leituras prévias sugeridas.

## Momento 3.

### Trabalho análogo à escravidão na contemporaneidade

Distribuir e ler coletivamente as reportagens “Empregada doméstica que viveu 29 anos em situação análoga à escravidão receberá R\$ 1 milhão” e “Reconhecida caracterização de trabalho em condições análogas à escravidão em fazenda de Mato Grosso”, publicadas no site do Tribunal Superior do Trabalho. Os links para as duas reportagens estão disponíveis no site do material pedagógico. A educadora pode, também, levar outras reportagens que dialoguem com o tema. A partir dos casos das reportagens, refletir com o grupo sobre as duas dimensões que relacionam “escravidão” e “trabalho”, abordadas por Lenira Carvalho: (i) conquista e acesso aos direitos trabalhistas e (ii) experiência do exercício da dignidade.

# Diálogos entre Lenira Carvalho e Lélia Gonzalez: escravidão, racismo e trabalho doméstico no Brasil

Lenira Carvalho e Lélia Gonzalez são duas pensadoras e militantes que refletiram sobre as desigualdades sociais no Brasil e reivindicaram a importância de falarmos a partir do lugar social onde estamos situadas. As duas discutem como a maior parte do conhecimento divulgado sobre a população pobre, negra e as mulheres do nosso país não foi escrita por esses grupos sociais e que isso tem impacto na forma como entendemos a história do Brasil. Lenira Carvalho traz uma contribuição muito importante para entendermos as condições de trabalho e a classe trabalhadora no país. Sua reflexão parte da prática, de sua experiência e da experiência coletiva de um conjunto de trabalhadoras domésticas. Essa perspectiva de dar visibilidade à própria experiência amplia o debate sobre o mundo do trabalho, porque situa as experiências vividas pela classe trabalhadora no processo histórico de um país marcado pela escravidão e pelo racismo.

Lenira Carvalho começou a trabalhar como empregada doméstica aos 14 anos de idade e dedicou sua vida à luta pela conquista dos direitos de sua categoria. Na sua trajetória, percebeu que a vivência da identidade das domésticas como trabalhadoras, assim como da classe trabalhadora em geral, passa por dois movimentos que se complementam: a conquista e concretização dos direitos trabalhistas e o reconhecimento da dignidade humana dessas trabalhadoras. Isto é, são a garantia dos direitos e a valorização da pessoa e de seu trabalho que permitem que se saia da condição degradante da experiência da escravidão e se construa a identidade de trabalhadora, de classe trabalhadora. Sem a realização da cidadania não é possível sair de situações análogas às da escravidão.

O lugar ocupado pelo trabalho doméstico nos dá elementos para pensar sobre as dimensões de gênero, raça e classe da forma como a nossa sociedade está organizada. Lenira Carvalho faz uma comparação interessante entre a promulgação da Constituição de 1988, que é quando o trabalho doméstico passa a ser reconhecido como categoria profissional, e a assinatura da Lei Áurea, que data de 1888. Nos dois momentos, direitos foram conquistados no papel, mas isso não deu fim à profunda discriminação que

existe na sociedade. Para ela, é possível estabelecer uma relação entre a persistência da falta de reconhecimento do valor social do trabalho doméstico e o racismo na nossa sociedade. A população negra, mesmo depois de tantos anos do fim da escravidão e da conquista de leis contra a discriminação racial, continua enfrentando a cultura do desprezo. De forma semelhante, as trabalhadoras domésticas, apesar da conquista de direitos, continuam enfrentando o estigma e a desvalorização do seu trabalho, pois a sociedade não reconhece o valor das atividades que realizam.

Segundo dados do IBGE (Pnad-c, 2022), o trabalho doméstico é a categoria que mais emprega mulheres em nosso país, principalmente mulheres negras de baixa renda e com baixa escolaridade. Em 2022, o trabalho doméstico era a ocupação de 5,8 milhões de pessoas no Brasil. Deste grupo, 92% eram mulheres e 61,5%, mulheres negras. Como aponta Lélia Gonzalez, em “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, a grande presença de mulheres negras neste tipo de ocupação está relacionada ao lugar ocupado pelas mucamas no período colonial, ou seja, as escravizadas negras, prestadoras de serviços domésticos, de cuidado e comumente exploradas sexualmente pelos seus senhores. Apesar de uma série de mudanças na nossa sociedade, muitos preconceitos que as trabalhadoras domésticas vivem hoje estão associados às violências e explorações que as mulheres negras viviam naquele período.

A abolição da escravidão no Brasil aconteceu sem nenhuma política de reparação ou integração da população negra ao mercado de trabalho. Em razão dos preconceitos enfrentados e da falta de acesso a direitos e à escolarização, essa população enfrentou profundas dificuldades de se integrar na nova ordem de trabalho que se estabelecia. O trabalho doméstico, por ser desvalorizado e sem visibilidade, por ser um trabalho realizado pelas mucamas durante a escravidão colonial, passou a ser um dos poucos trabalhos que as mulheres negras conseguiam acessar. Lélia Gonzalez fala sobre como as mulheres negras passaram, em muitas situações, a sustentar toda a família a partir do trabalho como domésticas, uma vez que os

homens negros muitas vezes não conseguiam lugar no mercado de trabalho.

Os desafios apontados por Lenira Carvalho em relação à conquista de direitos e ao reconhecimento da dignidade humana dessas trabalhadoras, assim como as associações feitas por Lélia Gonzalez em relação aos papéis da mucama e da mãe preta do período colonial e o papel da trabalhadora doméstica contemporânea, revelam elos entre o mundo do trabalho atual e a escravidão. As análises desenvolvidas por essas pensadoras também apontam questões sobre como o racismo e o sexismo presentes na sociedade contribuem para a construção das condições nas quais o trabalho doméstico remunerado é exercido.

Lélia Gonzalez propõe que os lugares que as mulheres negras ocupam na nossa sociedade podem ser associados a três figuras, que podem ser vivenciadas inclusive pela mesma pessoa a depender do lugar e do momento de suas vidas.

- A “mulata”, a mulher negra bonita e sensual, disponível para prestar serviços sexuais à elite branca e aos estrangeiros.
- A “doméstica”, a mulher negra forte e trabalhadora, o “burro de carga”, que cuida de toda casa, trabalha sem parar e está sempre disponível para o serviço.
- A “mãe preta”, aquela que cuida carinhosamente das filhas da elite. No período escravocrata, era a ama de leite, quem cuidava, ensinava e educava. Para Lélia, a mãe preta, já que era quem criava, era a verdadeira mãe, enquanto a branca era a outra.

Lenira Carvalho compartilha algumas situações que ainda são vividas pelas trabalhadoras domésticas e que têm relação com a situação vivenciada pela população escravizada no período colonial:

- O preconceito que as trabalhadoras domésticas sofrem como se fossem amantes do patrão e como se estivessem disponíveis para prestar serviços sexuais aos empregadores.
- A crença de que oferecer comida, roupa, presentes e casa (no caso das trabalhadoras que moram com os patrões) é o suficiente como pagamento por seus serviços.
- O costume de que a trabalhadora tenha que pedir (como se fosse um favor) aquilo que deveria ser assegurado pela Lei (seus direitos), como a garantia do horário de saída do trabalho ou as férias.
- A naturalização de que os patrões são donos do tempo das trabalhadoras domésticas,

estabelecendo não apenas seus horários de início e final do trabalho, mas também os horários de alimentação e descanso, de acordo com a vida e as necessidades dos patrões.

Alguns paralelos podem ser estabelecidos entre o pensamento destas duas autoras. Por exemplo, a forma como a figura da mãe preta está inserida no imaginário brasileiro, tão presente nas memórias da elite branca do país, nos ajuda a compreender um debate muito importante para Lenira Carvalho, que diz respeito a uma das especificidades do trabalho doméstico: a questão do afeto. Lenira chama a atenção para como a mentalidade de que a trabalhadora doméstica é da família, potencializada pelo afeto que as trabalhadoras nutrem pelas famílias para as quais trabalham (sobretudo pelas crianças), cria uma falsa sensação de pertencimento. Essa falsa sensação, para ela, é um grande desafio para que as empregadas domésticas entendam e defendam sua identidade de trabalhadoras. Por outro lado, a construção de um imaginário de sensualidade em torno da mulata guarda relações com a exploração sexual vivida pelas mulheres negras no período da escravidão. A mulata é a doméstica sexualizada e explorada sexualmente, aquela que, segundo Lenira Carvalho em *Digo às companheiras que aqui estão* (2022), é vista socialmente como amante do patrão. Por sua vez, a falta de delimitação das jornadas de trabalho dessa categoria se relaciona à ideia de que as mulheres negras são incansáveis e estão sempre disponíveis para o trabalho.

Para Lélia Gonzalez, a maneira como a exploração se reinventa e as relações que a nossa sociedade tem com a escravidão são ocultadas pelo que ficou conhecido como “mito da democracia racial no Brasil”. Esse mito, para além de negar que existe racismo no Brasil, naturaliza os lugares sociais de pessoas pretas, pobres e também das mulheres. O que é fruto da nossa formação histórica passa a ser entendido como o lugar natural de certos grupos sociais. As pessoas pobres e negras são naturalmente moradoras de senzalas, favelas, cortiços, ocupações ou moradias precárias. As mulheres são naturalmente responsáveis pelos serviços domésticos, de cuidados e menos importantes. E as mulheres negras, destinadas quase exclusivamente aos serviços da cozinha, da faxina, dos serviços gerais ou prestadoras de serviços sexuais. Desvendar esse mito passa por desnaturalizar esses lugares para que se possa combater os mecanismos que perpetuam as desigualdades que existem no nosso país.

### **Mito da Democracia Racial Brasileira**

É a ideia de que no Brasil não existe racismo, porque somos uma sociedade miscigenada onde as pessoas supostamente convivem em harmonia. As bases desse pensamento estão relacionadas à obra de Gilberto Freyre, que escreveu em 1933 o livro *Casa Grande & Senzala*. Ao afirmar que o Brasil é fruto da mistura harmoniosa entre indígenas, negros e brancos, Freyre rompeu com a visão dominante da época de que a população branca europeia era superior às populações negras e indígenas e de que a miscigenação (mistura entre raças) enfraquecia e degenerava a espécie humana. Na contramão dessas perspectivas, ele considerava a miscigenação um processo positivo e que era essa mistura o que definia o povo brasileiro. A sua obra teve grande influência na formação da nossa identidade nacional e para a cristalização da ideia de que no Brasil não existe racismo. Para ele, uma das provas da convivência harmônica entre esses três grupos é justamente o fato da nossa sociedade ser miscigenada. Sua visão sobre a miscigenação na sociedade brasileira era romantizada, diminuía a violência praticada contra as populações negra e indígena e naturalizava a violência sexual praticada contra mulheres negras e indígenas no período colonial. Pesquisas posteriores se dedicaram a desconstruir esse mito, evidenciando como as identidades raciais afetam profundamente a vida das pessoas e que a ideia de que no Brasil se vive em harmonia é apenas mais um instrumento de perpetuação do racismo no país.





(1) “Mas têm patroas que ainda tem a gente como escrava, e elas como senhora. Isso hoje infelizmente ainda existe. Tem umas coisas que mudaram, mas tem umas coisas que ainda existe, e existe tanto do lado da doméstica quanto do lado da patroa. A gente ainda é como escravo, como propriedade da patroa. E aí você passa a pedir. Quando eu passo a pedir, então é porque eu não tenho direito. E aí passa as meninas a não ter férias, mesmo tendo carteira assinada, porque a menina tem que pedir. E pedir é muito duro. Por mais que a gente diga que ela tem direito, ela diz: “A patroa não deu e eu não peço”. Como a doméstica está com essa mentalidade de pedir, ela não pede, porque pedir é humilhante. Quer dizer, como a menina não descobriu que tem direito de exigir uma folga semanal ou quinzenal, acha que é pedir, e isso ela não faz. Por isso que eu digo que tem muitas coisas que ainda se comparam com outro tempo. Não digo dos escravos, mas a mentalidade ainda existe.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 73.

(2) “Tempos depois, eu, a cozinheira e a costureira começamos a estudar à noite. Ao voltar pra casa, aprendi a passar ao longo da casa e entrar nos quartos sem fazer nenhum barulho. Se me vissem acordada, mesmo à noite e depois de um dia inteiro de trabalho, os patrões eram capazes de me chamar para fazer algum serviço a mais. Os quartos não eram confortáveis, mas era neles onde a gente tinha uma certa liberdade. Onde podia rir à vontade e conversar o que quisesse. Mesmo assim, a mãe de minha patroa, que era a dona da casa, reclamava bastante se a gente ficasse com a luz do quarto acesa muito tempo.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 39.

(3) “(...) a partir da nova Constituição [1988], avançamos bastante na conquista dos direitos trabalhistas, mas não conseguimos ainda o reconhecimento do valor social do nosso trabalho. É fácil entender o que quero dizer, comparando com o problema da raça negra. Tantos anos já se passaram desde a abolição da escravatura no Brasil, e a discriminação em relação aos negros ainda continua a existir. É verdade que tem diminuído um pouco, por conta da ação dos movimentos negros. Hoje, existem também algumas leis contra a discriminação racial que podem até levar alguém para a cadeia, mas a cultura de desprezo aos negros ainda está longe de se acabar. Eu percebo até dentro da categoria e no bairro onde moro, essa discriminação em relação ao negro. Faço uma comparação com o valor social do trabalho doméstico. Existem os direitos, existe a lei, mas a sociedade ainda desvaloriza o trabalho doméstico.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 189.

(4) “Quando fiquei conhecendo a história dos escravos, vi a vida da minha mãe. Ela não foi vendida, também acho que não apanhou, mas, no resto, vivia e trabalhava como uma escrava! Pertencia a uma família que não era a sua e ia passando para as mãos dos filhos, como se fosse objeto da casa.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 29.

(5) “Aí é que eu acho, as pessoas dizem: “Essa comida e essa casa... Vocês têm casa, têm comida”. Mas isso tem uma marca muito grande, muito grande. Todo mundo fala: “A comida, a comida, a comida”. Meu deus, mas que comida? Não quero dizer que tem casa que a comida é mais ruim, mas tem casa que a comida é boa, tem casa que a comida é igual. Mas por tudo se passa aquela comida na cara da gente... As pessoas querem dizer que a doméstica tem que ganhar pouco porque tem comida, porque come. E não vê que a gente trabalha tanto. E o pior é que dizem tanto isso que a doméstica passa a ver que, de fato, aquela comida é tudo na vida dela. Eu não quero dizer que não deixa de ser tudo. Mas ela aceita quase que a ganhar pouco porque tem a comida.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 41.



(6) “O que ela quer é uma hora para pegar o serviço e uma hora para parar. Porque o que a gente sente é que a gente não é dona da nossa vida. As meninas dizem isso abertamente: “A gente não é dona da vida da gente, porque a gente não pode dizer ‘eu chego a tal hora’ Nem para falar com o namorado, nem para aula, nem para uma reunião, nem para nada, porque tudo está dependendo dos donos da casa”. Um dia almoça num horário, outro dia almoça no outro.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 75.

(7) “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama [mulher negra escravizada no período colonial] permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas (...) E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem ‘educadas’ ou estarem ‘bem vestidas’ (afinal, ‘boa aparência’, como vemos nos anúncios de emprego, é uma categoria ‘branca’, unicamente atribuível a ‘brancas’ ou ‘clarinhas’). Os porteiros dos edifícios obrigam-nos a entrar pela porta de serviço, obedecendo às instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as “comem com os olhos” no carnaval ou nos oba-obas da vida. Afinal, se é preta só pode ser doméstica, logo, entrada de serviço.”

Lélia Gonzalez, “Sexismo e Racismo na Cultura Brasileira”, 1987, página 230.

(8) “O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na ‘mulata deusa do meu samba’ (...) É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la (...) Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra (...) Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica (...) É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas.”

Lélia Gonzalez, “Sexismo e Racismo na Cultura Brasileira”, 1987, página 228.

(9) “Ela [mãe preta], simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: quem é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe prá dormir, que acorda de noite prá cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então (...) A branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve prá parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Esta é efetuada pela negra. Por isso a ‘mãe preta’ é a mãe.”

Lélia Gonzalez, “Sexismo e Racismo na Cultura Brasileira”, 1987, página 235.

(10) “Acontece que a mucama “permitida”, a empregada doméstica, só faz cutucar a culpabilidade branca porque ela continua sendo a mucama com todas as letras. Por isso ela é violenta e concretamente reprimida. Os exemplos não faltam nesse sentido (...) Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam em “lidar com o público”? Ou seja, em atividades onde não pode ser vista? Por que os anúncios de emprego falam tanto em “boa aparência”? Por que será que, nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira e raramente copeira? Por que é ‘natural’ que ela seja a servente nas escolas, supermercados, hospitais, etc e tal?”

Lélia Gonzalez, “Sexismo e Racismo na Cultura Brasileira”, 1987, página 233.

